



A ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA ESPECIAL COM SÍNDROME DE DOWN

Adriana Pacheco*

Maria Angélica Dornelles Dias**

RESUMO

Este artigo, discute como é a alfabetização da criança com Síndrome de Down no Ensino Fundamental da Escola Municipal Basiliano do Carmo de Jesus na cidade de Sinop-MT. O objetivo foi investigativo para conhecer quais metodologias são usadas por professores na alfabetização da criança com Síndrome de Down. A pesquisa foi estudo de caso, utilizaram-se como ferramentas para a coleta de dados, a observação e o questionário semiestruturado. Através deste estudo ressalta-se a importância de olhar o processo de inclusão/alfabetização do aluno Down, meios didáticos e, avaliação que os considere dentro de suas limitações.

Palavra-chave: Educação. Educação Especial. Alfabetização. Criança com Síndrome de Down. Estudo de caso.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa será realizada na cidade de Sinop - MT, em uma Escola Municipal com uma criança com Síndrome de Down do Ensino Fundamental e suas respectivas professoras (sala de aula e sala de apoio), os quais contribuirão significativamente para a realização desta pesquisa.

Considera-se que essa pesquisa será de grande importância para professores, pais e nós acadêmicas, pois através desta discutiremos as dificuldades decorrente ao assunto. Este tema é

* Acadêmica do 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso; pertence ao Grupo de Orientação da professora Ma. Maria Angélica Dornelles Dias, do *campus* Universitário de Sinop-MT.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, professora titular da Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT.

importante para a construção do nosso conhecimento de forma que nos fará buscar suporte para trabalhar em sala de aula com esse perfil de criança.

O processo de Inclusão é a nova vertente pedagógica da educação, responsável por proporcionar condições para aquisição do conhecimento, respeitando as diferenças e promovendo uma educação igualitária. É uma conquista não só para a aceitação social destes, mas também pela possibilidade de continuidade de uma vida escolar, que vai além de apenas ler e escrever.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os questionários e as observações realizadas na escola possibilitaram um diálogo de grande relevância com os autores que embasaram esta pesquisa, tais como: Lamônica; Vitto; Garcia e Campos (2005), Ludke (1986), Montoan (2004), Schwartzma (1999), Souza (2006), Triviños (1992).

As características de uma pessoa com Down derivam de uma alteração cromossômica na hora da fusão dos genes de seus pais. “A Síndrome de Down é decorrente de um erro genético presente desde o momento da concepção ou imediatamente após [...] (SCHWARTZMAN, 1999, p. 3)”. A etiologia desta se dá devido a alteração na divisão celular do par cromossômico número 21, acarretando um cromossomo a mais do que o necessário e, por isso denominada trissomia do 21.

Segundo Lamônica, Vitto, Garcia e Campos (2005, p.82) as pessoas com Síndrome de Down possuem as seguintes características:

[...] estatura baixa, crânio branquicefálico, achatamento do dorso nasal e do maxilar, boca e dentes pequenos com a língua protrusa, fendas palpebrais oblíquas com pregas epicantais, orelhas pequenas, pescoço curto e largo, extremidades distais com branquiomiesofalangia e clinodactilia do dedo mínimo, além da presença de sulco simiesco, hipotônica muscular acentuada com hiperflexibilidade nos seguimentos de membros, abdômen proeminente com diastase dos músculos retos, retardo da maturação óssea nas primeiras fases de vida, cariópatias congênicas e deficiência mental variada. O sistema nervoso central também estará afetado, incluindo redução do volume cerebral, sulco cerebral superficiais atrofia cerebral, particularmente no lobo frontal e giro temporal superior.

No que diz respeito ensino-aprendizagem, diversos são os fatores que interferem nos resultados aguardados: a situação estrutural da instituição de ensino, a situação de trabalho dos docentes, a situação social dos alunos, os recursos disponíveis. Mais um dos fatores é o de que as estratégias de ensino empregadas pelos docentes devem ser adequadas a sensibilizar

(motivar) e de envolver os alunos ao ofício do aprendizado, deixando clara a função que lhe cabe.

As crianças com deficiência sensorial, auditiva ou visual necessitam de um ambiente de aprendizagem que estimule a construção do sistema de significação e linguagem, a exploração ativa do meio, como forma de aquisição de experiências, o uso do corpo, do brinquedo e da ação espontânea como instrumentos para a compreensão do mundo. Elas necessitam da mediação do professor para a formação de conceitos, o desenvolvimento da autonomia e independência, incentivando-as se comunicarem, interagirem e participarem de todas as atividades em grupo (SOUZA, 2006, p.13).

Na educação inclusiva, os professores têm que ser adequados a levar em conta novas probabilidades de ação, descobrindo diferentes formas de aumentar sua prática em sala de aula, o que sugere na reconstrução permanente das circunstâncias didáticas e dos conteúdos.

Neste sentido, faz-se imprescindível uma modificação fundamental no que diz respeito às formas como são enfrentados os problemas educativos; assim, os alunos que têm necessidades educacionais especiais passam a ser conhecidos como um estímulo à construção de um ambiente educativo mais rico para todos.

Nas redes de ensino público e particular que resolveram adotar medidas inclusivas de organização escolar, as mudanças podem ser observadas sob três ângulos: o dos desafios provocados por essa inovação; o das ações no sentido de efetivá-la nas turmas escolares, incluindo o trabalho de formação de professores; e, finalmente, o das perspectivas que se abrem à educação escolar, a partir da implementação de projetos inclusivos. (MANTOAN, 2004, p.56).

O documento Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), no artigo 3º, define:

Art. 3º: Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Nossos governantes precisam entender e respeitar que tudo começa no sistema como se forma um Educador, um Pedagogo e investir para que esse profissional da educação seja bem qualificado colocando na grade curricular de sua formação uma carga horária adequada para Educação Especial, pois com certeza o profissional que estiver preparado metodologicamente para ensinar um aluno especial, vai estar melhor ainda preparado para o processo de ensino-aprendizagem do aluno considerado 'normal', visto que se domina os conhecimentos de como funciona a logística das aquisições de conhecimento, então saberá

facilmente lidar com os que têm dificuldades de aprender. Cabe sempre lembrar que o aluno de hoje é o cidadão adulto de amanhã.

3 METODOLOGIA

Teve por objetivo investigar quais as metodologias usadas por professores na alfabetização da criança com Síndrome de Down.

A metodologia para desenvolver este trabalho será pesquisa qualitativa de entrevista com um questionário semi-estruturado, que será aplicado em um aluno com Síndrome de Down, na fase de alfabetização, bem como professores do mesmo. Observarei em sala de aula, na hora do intervalo em diferentes momentos.

Para alcançar uma visão mais concreta na pesquisa analisada ‘da alfabetização da criança com Síndrome de Down’. Decidi por trabalhar com a análise qualitativa, por meio do estudo de caso, apoiada por uma estrutura teórica, respaldada em autores pesquisadores do assunto.

Segundo Ludke (1986, p, 17):

O estudo de caso é o estudo de um caso, seja simples ou específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização ou o do ensino noturno. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo devemos escolher o estudo de caso.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Basiliano do Carmo de Jesus e contou com a participação de 01 aluno com Síndrome de Down do ensino fundamental e 02 professores, 01 professor regente da sala, e a segunda professora da sala de apoio. Durante a observação foi possível perceber um pouco da personalidade de cada um dos sujeitos que de agora em diante se designara, Aluno X, Professora A e Professora B.

Todos os procedimentos para a realização da pesquisa foram organizados por meio de ofícios expedidos pela UNEMAT- *campus* Universitário de Sinop. Não foi necessário fazer uso desses ofícios requeridos, pois a direção da instituição nos autorizou realizar as observações e questionários com o aluno e as professoras sem necessidade dos mesmos.

Como nos mostra Triviños, (1992, p.90) foi uma pesquisa direta obtida por meio do contato com nossos autores: “[...] observação direta ou participante é obtida por meio do

contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de suas perspectivas e seus pontos de vista”.

A pesquisa direta nos deixa de fato próximo a realidade dos entrevistados ou o mais perto das mesmas para obtermos o máximo de esclarecimentos para nossas indagações.

4 PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

Com a finalidade de atingir os resultados da investigação a presente pesquisa, a partir da coleta de dados buscou-se descrever algumas questões que embasaram este trabalho.

Encontrei maior dificuldade na entrevista com o aluno X, devido o mesmo não ter dicção com clareza nas palavras, pois ainda frequenta a fonodíloga então, o que obtive de informação mais precisa foi através de esclarecimentos com a professora B, esta passa um tempo a sós com ele na sala de reforço o que possibilita lhe conhecê-lo com mais particularidade na interpretação do seu jeito de ser, já a professora A não consegue focar uma atenção especial a ele sem deixar de atender a toda a sala, o que dificulta um olhar direcionado a atender a necessidade de sua demanda de aprendizagem.

O tempo que estive com ele percebi que é uma criança meiga e muito ativa, mais dispersa rápido do que esta fazendo, ele reconhece algumas cores, mas logo se confunde nesse.

Através das respostas coletadas com os sujeitos da pesquisa pode-se observar e aferir as seguintes discussões: Foram questionadas as professoras a respeito do que pensam sobre a inclusão do aluno Down no ensino regular. Se em seu convívio diário tem ou tiveram contato com alguém com pessoas com Síndrome de Down.

(01) Professora A: Deixou claro que é importante à inclusão, mas se faz necessário um apoio de outra professora diariamente na sala, pois esse aluno Down precisa de apoio profissional todo o tempo. Trabalhou um tempo na APAE e teve convívio com crianças Down e agora somente com o aluno X, que esta em sua sala de aula.

(02) Professora B: Eu acho que ele deveria frequentar a APAE por mais tempo e ser inserido no ensino regular a partir do 3º ano, pois eles possuem muitas dificuldades de socialização, principalmente nas atividades pedagógicas. Somente tive contato com os alunos que já trabalhei no período de dois anos em que atuei na sala de educação especial e agora na sala de apoio, onde a intervenção com o aluno é feita individualmente, salvo quando tenho que trabalhar uma data festivo-comemorativa.

Percebe-se na fala das professoras que a Professora A por não usufruir de um adequado suporte didático-pedagógico consegue poucos rendimentos com esse aluno, pois existem outros alunos ‘ditos normais’ com muita dificuldade em sala de aula, salienta em vários momentos de sua fala a necessidade de mais uma professora auxiliando em sala.

A Professora B dá ênfase à importância que seria a permanência do aluno com necessidades especiais na APAE por um período maior, o que facilitaria não só a conexão com os conhecimentos e habilidades como também na socialização com os colegas.

Indagamos qual seria a sugestão das professoras na formação do professor para trabalhar com a Educação Especial e, qual a maior barreira que veem para que o aluno Down consiga chegar ao ensino médio?

(03) Professora A: Acho que sempre que acontece alteração na grade curricular dos cursos da universidade deveria ser oferecidos cursos de atualização para os professores já formados em virtude de na sua grade não ter tido esses conhecimentos aprofundados. Mas em primeiro lugar está o amor pela profissão docente. Se houvesse mais conscientização da sociedade também ajudaria para haver mais aceitação até mesmo dos familiares.

(04) Professora B: Eu acho que como pedagoga e frequentando formação continuada em Educação Especial e, também fazendo o curso do AEE (Atendimento Especial Especializado) o mais importante é ter muito amor, carinho, paciência e gostar de realizar as atividades com artesanato e música. A dificuldade de comunicação e o preconceito da sociedade também acabam afastando milhares do convívio social e das oportunidades de educação e lazer. O preconceito continua sendo a principal barreira. Mas alguns conseguem chegar, porque são estimulados e incentivados desde cedo.

Baseado nas respostas das entrevistas feitas com as professoras achei, muito importante a preocupação que elas demonstraram em procurar oferecer o seu melhor, mas o sistema educacional não ajuda muito, visto que não tem suporte de uma equipe multidisciplinar. Precisa haver mais investimento do Governo, não só a cobrança aos professores de que tem que dar conta e estarem preparados sem serem técnico em habilidades específicas para lidar com as necessidades especiais, pois só assim será viável uma educação como um todo para todos.

5 CONCLUSÃO

No transcorrer deste estudo procuramos pesquisar o processo de alfabetização de uma criança com Síndrome de Down, abordando as situações de ensino-aprendizagem em dois ambientes educativos: a sala de aula de ensino regular e a sala de apoio de uma escola pública.

O desenvolvimento do indivíduo com Síndrome de Down é igual de qualquer outra pessoa sem a Síndrome, referente de influências sociais e culturais, incluindo-se aí as probabilidades em relação às suas potencialidades e habilidades.

É interessante destacar neste estudo a não obrigação da instituição especializada e escola comum quanto à garantia de conhecimento da criança com Síndrome de Down do mesmo jeito que uma criança sem Down, mas como resultado variável.

Ficam evidente todas as barreiras existentes, desde a falta de preparo do professor, a falta de estrutura das escolas, o preconceito da sociedade até o sistema social. Em alguns momentos se colocam como se acreditassem em algo pronto, como se fosse responsabilidade do outro lutar por uma causa que é de todos.

Garantir oportunidades iguais, no entanto, não significa ter tratamento igual a todos, mas sim proporcionar a cada indivíduo ambientes para que ele se desenvolva, tanto quanto possível, o máximo de seus potenciais.

LA ALFABETIZACIÓN DEL NIÑO ESPECIAL CON SÍNDROME DE DOWN

RESUMEN¹

Este artículo discute como es la alfabetización del niño con Síndrome de Down en el Enseñanza Primaria de la Escuela Municipal Basiliano do Carmo de Jesús en la ciudad de Sinop-MT. El objetivo fue investigar para conocer qué metodologías son usadas por los profesores en la alfabetización del niño con Síndrome de Down. La investigación fue un estudio de caso, se utilizaron como herramientas para la recogida de datos, la observación y el cuestionario semi estructurado. A través de este estudio se resalta la importancia de verificar el proceso de inclusión/alfabetización del alumno Down, los medios didácticos y, la evaluación que los considere dentro de sus limitaciones.

Palabras clave: Educación. Educación Especial. Alfabetización. Niño con Síndrome de Down. Estudio de caso.

¹ Tradução pela professora Maria de Lourdes Alves Bedendi (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

REFERÊNCIAS

LAMÔNICA, Dionísia A. C.; VITTO, Luciana P. M. de; GARCIA, Fabiane C.; CAMPOS, Lílian C. Avaliação do processo receptivo: investigação do desenvolvimento semântico em indivíduos com síndrome de Down. **Rev. Brás. Ed. Esp.**, Marília. Jan-Abr. v 11, n.1, 81-96.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MONTOAN, M.T.E.; FERREIRA, A. I. F.; RODRIGUES, J. L. **Essas crianças tão especiais**: manual para solicitação do desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down. Brasília: CORDE, 1993.

PROFESSORA A. **Professora A**: depoimento. [22 out. 2012]. Registro por: Adriana Pacheco. Sinop, MT, 2012. 2 laudas. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia sobre a alfabetização da criança com Síndrome de Down, em 2012.

PROFESSORA B. **Professora B**: depoimento. [22 out. 2012]. Registro por: Adriana Pacheco. Sinop, MT, 2012. 2 laudas. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia sobre a alfabetização da criança com Síndrome de Down, em 2012.

SOUZA, Araci Marins de. **Fundamentos Teóricos-Metodológicos na Área de Deficiência Visual**. Universidade do Estado de Mato Grosso/CEACD/Sinop: UNEMAT, 2006.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.